

DESPERTA E REJUBILA, JERUSALÉM

“Desperta! Desperta! Reveste-te da tua força, Jerusalém, cidade santa, Sião! Veste os teus trajes de gala, sacode o pó e põe-te de pé, Jerusalém cativa! Desata as cadeias do teu pescoço, Sião prisioneira! (...) Ouve: as tuas sentinelas gritam, cantam em coro, porque veem olhos nos olhos o regresso do Senhor a Sião. Ruínas de Jerusalém, irrompei em cânticos de alegria, porque o Senhor consola o seu povo com a libertação de Jerusalém!” (Is 52, 1-2. 8-9)

Desperta!

Esta passagem do profeta Isaías é a primeira leitura da missa do dia de Natal. Com imensa alegria, o profeta começa por nos dar uma ordem: “Desperta!” É talvez a ordem mais importante que pode ser dada às famílias nos dias de hoje: família, desperta para a tua dignidade! Desperta para a tua responsabilidade! Desperta para o talento que te foi confiado e que é preciso pôr a render! Desperta do teu sono, da tua dormência em frente do televisor ou da mesa de trabalho, da tua apatia diante da educação dos teus filhos ou diante do sofrimento do teu vizinho. Desperta!

Desata as cadeias do teu pescoço!

A segunda ordem de Isaías é uma ordem de liberdade: “Desata as cadeias do teu pescoço!” Já não és escravo, porque o teu Deus está a caminho! Podes desatar as tuas cadeias e avançar para a liberdade.

De que somos nós prisioneiros? Conversemos um bocadinho sobre o tema em família. Somos prisioneiros de tanta coisa! Prisioneiros do tempo, que nunca chega para nada; prisioneiros do “sempre se fez assim”, do “todos fazem assim”, do “se fizeres diferente vais ser criticado”, do “não vale a pena nem tentar!”; somos prisioneiros do nosso egoísmo, que nos centra em nós mesmos e na nossa família e não nos deixa abrir a porta aos demais; somos prisioneiros do nosso espaço e do nosso tempo pessoais, e aí daquele que ousar invadi-los; somos prisioneiros da mundanidade e da vaidade; somos sobretudo prisioneiros do medo. Quanto medo, nas famílias de hoje, a começar pelo medo de educar!

A confissão é a forma mais segura de desatar as cadeias que nos prendem. Começemos o advento por aqui.

Veste os teus trajes de gala!

A grande festa está próxima, e precisamos de vestir a condizer. A terceira ordem de Isaías manda-nos lançar mãos à obra. Há que comprar o tecido e costurar sem descanso, para nós e para os nossos. Diz o Apocalipse: “A sua esposa está ataviada. Ele ofereceu-lhe um vestido de linho resplandecente e puro. O linho representa as boas obras dos santos.” (Ap 19, 7-8)

Advento é tempo de praticar diariamente as obras de misericórdia corporais e espirituais. Falemos em casa sobre este vestido magnífico que queremos preparar para o Natal. Que obras iremos praticar? Talvez precisemos de uma obra familiar, que envolva todos os membros da família; e de ajudar cada filho a pensar no seu próprio “vestido”, praticando as obras que estão ao seu alcance.

Ouve! Vê olhos nos olhos!

No Advento, não é fácil ver nem ouvir. Há demasiadas luzes e há demasiado ruído para podermos concentrar-nos no som e na imagem certos... As montras, a publicidade, as “Black Fridays”, a lista de compras, as festas dos filhos e as festas do trabalho, os testes e as avaliações escolares, a correria intensa de um lado para o outro, tudo trabalha para que o Advento passe sem darmos conta disso.

No entanto, a ordem é clara: “Ouve! Vê, olhos nos olhos! É o Senhor que lá vem!” Somos chamados a ajudar a nossa família a ouvir e a ver, com atenção redobrada, as coisas do céu. Vê... Esmeremo-nos a construir o Presépio e a Árvore de Jessé, que na sua materialidade e simplicidade, nos ajudam a elevar o olhar para o céu. Ouve... Contemos histórias de Natal, cantemos cânticos de Natal, contemos histórias dos santos, meditemos na Palavra todos os dias. Vendo e ouvindo estes sinais de Natal, predispomos o coração para ouvir e ver o Senhor olhos nos olhos, na oração silenciosa em frente do sacrário. Por que não aproveitar o Advento para a alongar um pouco ou para a iniciar? Alguns minutos na igreja mais perto de nós, olhos nos olhos a sós com Quem sabemos que nos ama...

Irrrompei em cânticos de alegria!

A alegria é um dom, mas também um mandamento: “*Alegra-te, ó Cheia de Graça!*” “*Rejubila, Jerusalém!*” S. Domingos Sávio dizia que “*a nossa santidade consiste em estarmos sempre alegres*”, e Dorothy Day escreveu: “*Não é fácil estarmos sempre alegres, manter em mente o dever de rejubilar.*”

O Advento traz-nos uma boa notícia. Precisamos de a transmitir no sorriso, no olhar, nas palavras, no tom de voz, na ternura, na simpatia, no acolhimento, a toda a gente: ao condutor do carro em frente de nós, ao colega de trabalho, ao varredor de rua, à cozinheira na cantina da escola, ao condutor do autocarro. Precisamos de a transmitir, sobretudo, àqueles que, por vezes, no fim da linha, já só recebem as sobras do melhor que demos durante o dia: o marido ou a esposa, os filhos, os irmãos, os pais. Quantas vezes guardamos as boas maneiras para os estranhos e as recusamos aos que mais amamos?

Compromisso:

Ainda outro dia era verão e já é Advento... Estejamos em alerta máximo: se nos distraímos e baixamos a guarda, o Natal passa sem que nos demos conta! Ele já lá vem... A todos, um Feliz Natal! Ámen.